

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG

AMANDA GABRIELLI SILVA

JANIELE DOS SANTOS CORREA

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A PROEMINÊNCIA DE UMA LEITURA PELO PRAZER
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CASCABEL

2020

**AMANDA GABRIELLI SILVA
JANIELE DOS SANTOS CORREA**

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A PROEMINÊNCIA DE UMA LEITURA PELO PRAZER
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professora Orientadora: Silvana Rodrigues Krefta.

**CASCADEL
2020**

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

AMANDA GABRIELLI SILVA

JANIELE DOS SANTOS CORREA

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A PROEMINÊNCIA DE UMA LEITURA PELO PRAZER
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Especialista Silvana Rodrigues krefta.

BANCA EXAMINADORA

Silvana Rodrigues Krefta
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

José Vinicius Torrentes
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Mestre

Patricia Alessandra Xavier
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Cascavel/PR, 20 de outubro de 2020.

UMA DISCUSSÃO SOBRE A PROEMINÊNCIA DE UMA LEITURA PELO PRAZER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SILVA, Amanda Gabrielli¹
CORREA, Janiele dos Santos²
KREFTA, Silvana Rodrigues³

RESUMO

A presente pesquisa busca destacar a importância de uma leitura prazerosa e significativa para a criança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como evidenciar as suas fases e as estratégias de leitura, na qual o aluno possa desenvolver a imaginação, as suas emoções, enriquecer seu vocabulário, tornando-se leitores ativos para toda a vida. Ao estudar sobre a leitura presencia-se o quanto a escola e as práticas pedagógicas são importantes, pois um dos grandes desafios enfrentados na escola é adaptar as salas de aula e fazer da leitura uma prática diária, e para isso acontecer, o professor precisa proporcionar momentos de prazer durante a leitura. Considerando a leitura uma ferramenta essencial no desenvolvimento da criança, buscou-se através de um aporte teórico de alguns autores como: Zilberman (2005); (1987), Freire (1989), Lajolo (1994), Bamberger (2002), Ferreiro (2000), Magnani (2001), Furnari (2020), Hébrard (2007), Silva (2001); (1985), os PCNs, entre outros, destacar a importância da leitura para a formação de um cidadão crítico, capaz de ler por prazer e não apenas por obrigação, neste sentido, a leitura deve ser estimulada desde cedo para que faça parte da formação cultural do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Prazer. Leitura. Importância.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem sua gênese na perspectiva da possibilidade de formar bons leitores e não somente, mas, sobretudo o gosto pela leitura desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, salientando que é por meio dessa que podemos formar cidadãos críticos e reflexivos com uma visão ampla de mundo, proporcionando as crianças experiências da sua realidade com as histórias lidas. Compreende-se que esta relação de aprendizagem e apreciação pela leitura ocorre pela escuta de histórias nos mais diversos espaços, porém, a escola tem seu papel preponderante para com essa finalidade - a da relação formativa de um sujeito leitor.

A questão de pessoas leitoras em nossa sociedade, ainda precisa avançar bastante, pois os resultados são insignificantes. É evidente, que a falta de leitores, são decorrentes de

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: amandagabrieli1@outlook.com.

²Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: jani.correa@outlook.com.

³ Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: silkreftafag@hotmail.com.

inúmeros fatores, perpassando pela formação docente, de políticas mais afirmativas no decorrer da vida profissional desses profissionais, pois a premissa em formar leitores, está presente também na possibilidade de professores leitores.

Numa sociedade pautada pela absorção da imagem, de informação que enxurram, e, acabam mais por anestesiarem as pessoas, provável que contribuam por não leitores. Denotados, o fato é que a escola possa ser um espaço do diálogo, do acolhimento, da escuta, da leitura, uma vez que não se forma leitores apenas pedindo que alunos leiam os livros didáticos durante as atividades em sala de aula. Por essa razão, é necessário que os professores utilizem meios e recursos para favorecer aos alunos experiências de leituras diferentes das habituais.

A leitura possibilita a criança conhecer sobre diversos assuntos, ampliar e enriquecer o vocabulário, é por meio da leitura que o aluno vai desenvolver a sua imaginação. Inegavelmente, as atividades lúdicas, a teatralidade, o faz de conta, as rodas de contação de histórias, o simples inventar de histórias, contos; são estratégias proeminentes para incentivar e o despertar para a leitura. É possível afirmar que a concorrência com as tecnologias atuais, concorre para uma não formação de leitor.

No decorrer desse artigo será apresetada uma breve contextualização da leitura, o seu conceito, a sua aquisição e seu desenvolvimento, o professor como incentivador, mostrando a leitura em seus diversos meios e possibilidades, os tipos de leitura e sua importância, ainda será evidenciado, que todo tipo de leitura é válida e proveitosa e como o espaço escolar é importante para formação de leitores.

2 DESENVOLVIMENTO

O ato de ler é ter o poder de interpretar, é um processo bastante abrangente e completo, é um método de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular de se interagir com o outro através das palavras e que por sua vez estão sempre ligadas a um contexto.

A leitura infantil iniciou na história da humanidade quando surgiu o conceito de infância, a educação para as crianças era considerada algo muito raro, pois apenas as crianças de famílias nobres tinham o direito de estudar, ou até mesmo apenas os meninos, pois as mulheres eram consideradas aquelas que nasceram apenas para o lar e seus afazeres domésticos. Foi em meados do século XVIII que a sociedade passou a perceber a importância das crianças, e a partir desse século que as crianças passaram a ter direito no meio familiar e

escolar, e assim a visão de adulto em miniatura deixou de existir.

De acordo com Zilberman (2005) foi apenas no final do século XIX que passaram a existir os livros de literatura infantil, que foram escritos e publicados no Brasil. No século XX as representações africanas começaram a ser objetos de literatura, com a sua história de dor, passando a sua cultura através de anos vividos, nesta mesma época Monteiro Lobato nos apresentava com suas publicações, demonstrando através de suas obras personagens de peles retinta, abrilhantando assim com seus personagens a real cultura que há entre eles.

Até o século XII, o ato da leitura era apenas de forma oral onde o professor avaliava o processo de conhecimento do aluno e como o mesmo estava obtendo resultados. A forma de ensino da leitura antes era separada da escrita, uma vez que a função da escrita era preservar-se no suporte, e dessa forma o ensino oral da leitura foi substituído pelo trabalho intelectual, passando da leitura em voz alta para a leitura silenciosa, o que não significa que a oralização não tenha sobrevivido até hoje. A partir do século XVIII, a leitura intensiva de memorização e repetição passou a ser substituída pela leitura extensiva em novos impressos, onde a obrigatoriedade era a leitura fluida, mas longe de ser um ensino singelo.

A aprendizagem da leitura surgiu de fato, após o Concílio de Trento (1545-1553), no qual para Hébrard (2007), o aprendizado da leitura:

[...] nasce, com efeito [...], a fim de permitir a todos os cristãos, mesmo os mais pobres, mesmo as mulheres, conhecer esta “ciência da salvação”, sem a qual ninguém poderia ser salvo. Por que uma escola ensinando os rudimentos de uma cultura escrita lá, onde o catecismo oral, até então era suficiente? Simplesmente porque as Reformas levaram a um tal ponto de complexidade o debate teológico, que para formar um cristão, por mais obediente que seja, se torna quase impossível passar de um recurso ao texto que fixa *ne varietur* a especificidade do dogma. Se desejamos que um pequeno católico permaneça católico, é preciso que ele conserve em toda sua vida o perfeito conhecimento da letra de seu catecismo porque, sem ela, arriscaria de não identificar os propósitos heréticos que as diferentes confissões propagam em torno delas. É preciso, sobretudo, que ele possa verificar no texto de seu catecismo, que ele não deformou nada da fé de seus ancestrais. Acontece o mesmo, certamente, com um pequeno protestante. Um e outro devem então aprender a ler, e a escola de sua catequização se torna, assim, a escola de sua alfabetização (HÉBRARD, 2007, p. 14).

Neste contexto, a leitura surgiu, portanto, dentro das reformas, com um caráter salvacionista, assim o cenário de texto era trabalhado dentro do catecismo e a catequização através desse modo e com o passar da história o caminho para chegar até a alfabetização tornou-se mais fácil e conseqüentemente, as práticas de leitura escolar. Até o final do século XVI a prática de alfabetização e leitura era um ato apenas para a memorização. Com o passar dos séculos o ato e a prática de leitura passou a se desenvolver e tornar-se importante na vida

educacional da criança, e da família que conseqüentemente faz parte do aprendizado do aluno.

No século XX surgiram novos instrumentos que revolucionaram as práticas de leitura e de escrita, assim como os computadores e demais aparelhos eletrônicos com os quais passamos a conviver atualmente, as práticas exigem mudanças no ensino da leitura, desencadeando novas maneiras de ler, o que se implica em mudanças nas práticas escolares de leitura, nos obrigando a utilizar novos métodos para trabalhar com as crianças.

2.1 O QUE É A LEITURA?

De acordo com Freire (1989), a leitura está associada à forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer, ou seja, compreende em perceber significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, levando o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Quando falamos de leitura dentro das escolas, o primeiro pensamento que se vem à mente é: a aula da leitura, a contação de histórias da professora, a biblioteca, entre outros. Porém, a leitura dentro da educação nada mais é do que a ação de ler algo ou o hábito de ler, a leitura é a forma como se interpreta um conjunto de informações que há nos livros, revistas, notícias, jornais, etc. É a partir da leitura que a criança desenvolverá o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação.

A criança já nasce com o raciocínio e a percepção de tudo que há em sua volta, assim a interpretação e a leitura vão sendo construídas com o tempo, ler estimula a imaginação proporciona a descoberta de diferentes hábitos culturais, tem o poder de ampliar o conhecimento e enriquecer o vocabulário, em várias situações diferentes. A leitura sendo ensinada gradativamente possibilitará que a criança possa nomear, reconhecer, dar sentido ao mundo no qual vive.

Pode-se dizer que na maioria das vezes as escolas não focam no trabalho da leitura, pois é possível observar crianças que acabam chegando ao final do quinto ano sem ter o prazer da leitura, com dificuldades de interpretação, com medo ou até mesmo vergonha de ler algo em público, seja para o professor ou na sala para os colegas. As escolas estão tendo como prática de leitura, apenas a memorização de textos e responder questões mecânicas, sem proporcionar oportunidades para que o aluno possa expressar a sua criatividade.

O ato de ler se constitui num instrumento de luta contra a dominação, por que a leitura traz várias categorias básicas junto com seus textos, como: informação, conhecimento e prazer.

Corroborando a ideia Silva (2001) ressalta que:

Dominar o mecanismo da leitura e ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica, ditatorial e discriminatória da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância, desta forma, a pessoa que sabe ler e executar essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles (SILVA, 2001, p. 49).

A leitura não é algo que surge de repente na vida da criança, é necessário ajuda-lá a descobrir o que a mesma pode lhe oferecer, cada livro pode trazer ou proporcionar uma ideia nova, ajudar a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança e aos poucos, ela vai criando prazer pelo livro e o conteúdo que há neles, sem deixar de esquecer que a família faz parte a todo instante da construção intelectual e social da criança, possibilitando assim, o melhor entendimento do aluno fora e dentro da escola.

2.2 AQUISIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

O ato da leitura é fundamental para o crescimento intelectual da criança e sua aprendizagem, a criança que lê com desenvoltura, se interessa por ela e aprenderá mais facilmente, transformando-se num leitor capacitado.

Até o momento de aquisição da leitura da criança existem fases em que a mesma passa até chegar à aquisição da leitura e o desenvolvimento da escrita, esse processo se divide em três fases: logográfica, alfabética e ortográfica.

Na fase logográfica, a criança lê de maneira visual e direta, reconhecendo as palavras que são familiares e pertencentes ao seu vocabulário, de visão ela identifica apenas as palavras, frases e letras, tanto pela forma quanto pela cor, nesse caso a criança está apta apenas a reconhecer aquilo que está familiarizada, ela ainda não tem capacidade de formar suas características alfabéticas.

A fase alfabética é onde a criança começa a se apropriar de conhecimentos sobre a alfabetização, tendo reconhecimento claro entre textos, falas, frases, entre outros, pois sem essa apropriação não há aquisição de leitura. A alfabetização exige sons que compõem as falas, iniciando-se o processo de fonema-grafema, podendo decodificar palavras novas e a escrever palavras simples, o primeiro passo é aprender as regras simples, e depois as regras contextuais, com esses processos a criança passa a ler, se apropriando das junções corretas de

frases, palavras e letras.

A partir do momento em que a criança obtém o reconhecimento das palavras e suas unidades, ocorre à fase ortográfica na qual, grupos de letras, frases e morfemas se tornam mais fáceis de serem lidos, a criança passa a realizar a leitura e a escrita, sendo assim de forma automática, pode-se afirmar que nessa fase existe uma junção da fase logográfica com a fase alfabética, a partir dessas considerações, pode-se dizer que o processo da leitura é construir uma prática constante atrelada a textos de literatura infantil para assim se inicializar a alfabetização.

O processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural. Portanto, a escola deve oferecer materiais de qualidade para seus educandos, e para torná-los leitores proficientes, com práticas de leitura eficazes, levando-os a participarem ativamente da sociedade em que estão inseridos exercendo conscientemente a cidadania (SILVA, 1985, p. 22).

Sendo assim, para que a leitura seja valorizada dentro da escola, é preciso que o professor esteja consciente de seu papel dentro da sala de aula como mediador, criando meios que facilitem a compreensão do aluno no ensino e na aprendizagem, como também em criar desafios para cada tipo de problema, buscando atender a todos de forma heterogênea, principalmente no processo de aquisição de conhecimento e o seu desenvolvimento na leitura.

2.3 O PROFESSOR COMO INCENTIVADOR DA LEITURA

O professor é um grande aliado no que se refere em formar alunos leitores e formadores de opiniões. É o professor que tem a função de fazer da leitura uma prática motivadora, sendo um exemplo de leitor. Porém, deve-se levar em consideração que a prática da leitura não deve ser exercida apenas na escola, necessita-se de uma parceria com a família.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1997, p. 41).

Neste sentido, segundo Freire (1989), linguagem e realidade precisam ser relacionadas e a experiência de vida dos alunos ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-

las ter sentido, compreendendo e relacionando o que se lê com a própria vida apresentando significados para elas.

O papel de formar leitores é uma tarefa difícil, entretanto é imprescindível para que o aluno possa desenvolver relações com os mais diversos gêneros textuais. Dessa forma, “para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno[...]” (BRASIL, 1997, p. 25). Assim sendo, compreende-se que o professor precisa fazer da leitura, uma prática diária dentro da sala de aula, e para isso acontecer, o mesmo precisa proporcionar momentos de prazer pela leitura, sem obrigar a criança, pois é nesse ambiente que se constrói a consciência sobre a importância de ler. E para isso ocorrer, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais há muitas possibilidades, podendo ser realizadas de forma silenciosa, individualmente, em grupo ou escutando alguém ler.

A contação de histórias pode acontecer também nos mais diversos espaços da escola, e de diferentes maneiras, por meio da teatralidade, o faz de conta, as rodas de contação de histórias, o simples fato de inventar uma história, os contos de fadas, nos quais o aluno pode se identificar, facilitando o seu pensamento intuitivo e imaginativo. O educador pode criar um “Cantinho da leitura”, deixando o aluno à vontade para se expressar, estimulando o gosto e o despertar para a leitura.

O educador deve trabalhar com livros que sejam próprios para turma em que está inserido, tendo como princípio o desenvolvimento do interesse e o prazer da leitura, capazes de durar a vida inteira (BAMBERGER, 2002). Neste sentido, em momentos de leitura com a turma o professor pode dramatizar o assunto, para que o aluno se interesse mais no que o professor está lendo.

Com relação à seleção de livros bons e apropriados para turma, os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças estão iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura (BRASIL, 1997, p. 29).

A leitura na Educação Infantil é muito gostosa, prazerosa e lúdica, visto que as crianças tem autonomia para escolher aquilo que elas gostam de ler, porém ao chegar ao Ensino Fundamental - Anos Iniciais quem escolhe os livros na maioria das vezes para ser trabalhado são os professores, e a dinâmica dessa leitura acaba sendo árdua para criança. A

partir do momento em que o professor utiliza dessa leitura para uma interpretação oral, através de um teatro, ou de uma dinâmica, ela vai ser muito mais prazerosa para a criança, porque não estamos falando da leitura só como um processo de aquisição da linguagem propriamente dita, mas da compreensão da ludicidade e da imaginação.

Ao tratar do uso do livro para criança em sala de aula, Zilberman (1987) relata que:

O professor deve estr. apto: a escolha de obras apropriadas ao leitor infantil; ao emprego de recursos metodológicos eficazes que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido apreendido (ZILBERMAN, 1987, p. 27).

Ainda para a autora, a transitoriedade do leitor deve ser respeitada, ou seja, a literatura deve ir se modificando à medida que a criança vai evoluindo. O professor pode desenvolver em suas aulas, várias dinâmicas e estratégias para incentivar o aluno na leitura, como em uma sala de aula havendo coisas para a criança ler, pois conforme Ferreira (2000, p. 103) “um ato de leitura é um ato mágico. Alguém pode rir ou chorar enquanto lê em silêncio. Em vez de nos perguntarmos se “devemos ou não se ensinar” temos de nos preocupar em dar as crianças “ocasiões de aprender”.

Sabe-se que o livro didático necessita de muita leitura, devido à interpretação de texto necessária para responder algo que se pede, ou seja, o aluno precisa ler para compreender e conseguir responder o que o livro solicita. Em razão disso, percebe-se que a leitura nos livros didáticos não é de agrado de muitas crianças, “o problema é que o disposto para os alunos parecem não os agradar, muitos estão ali até por obrigações” (LAJOLO, 1994, p. 12). A autora ressalta que muitos alunos hoje em dia, por não terem o hábito de ler, infelizmente só leem se forem obrigados, outros ainda, não leem nem obrigados, com a desculpa de que não tem tempo, disponibilizando desse para assistir tv ou outros atrativos.

Por conseguinte, compreende-se o quão é difícil despertar este interesse no aluno, porém não impossível, os PCNs sugerem que os professores criem situações divertidas e interessantes ao aluno, tais como:

O de agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma (BRASIL, 1997, p. 42).

Isto posto, é possível perceber a importância que a leitura tem na vida da criança, e como o professor tem um papel crucial na vida deles, uma vez que são eles que precisam criar estratégias de leitura, onde o aluno consiga ter o prazer por aquilo que está lendo, sendo um facilitador da aprendizagem, principalmente nos anos escolares iniciais, onde deixam marcas profundas nos alunos. Nesse sentido, se torna pertinente discutir algumas condições importantes que precisam ser garantidas para cultivar a motivação dos alunos pela leitura. Esse é um trabalho difícil, longo e de grande desafio, porém, após de implantado procede à sensação dever cumprido.

Portanto, é preciso uma maior conscientização por parte dos educadores, de maneira que saiam da zona de conforto, pois alguns tentam e consegue encontrar o caminho certo, já outros cruzam os braços por acharem sua prática pedagógica correta e suficiente, deixando de lado a opinião e interesse dos seus alunos.

2.4 A RELEVÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

A leitura é algo indispensável, pois é através dela que a criança irá enriquecer seu vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Com a leitura, podem-se despertar novos aspectos da vida em que ainda não havia imaginado tanto para o mundo real quanto para o entendimento de outro ser, assim, os horizontes são desenvolvidos.

Segundo Furnari (2020), em uma entrevista no podcast, os primeiros contatos da criança com o mundo são sensoriais e depois a visão, onde ela entende o mundo e percebe tudo pelo olhar, sabendo quando a mãe está receptiva, brava, percebe também a emoção das pessoas pelo olhar e se localiza. Tendo esse sentido muito desenvolvido, as crianças passam a entender os códigos de comunicação.

Dessa forma, entende-se que os livros não têm ilustração por uma questão democrática ou de entretenimento, mas porque a linguagem visual das ilustrações é a linguagem que as crianças entendem melhor, e após vão aprender a ler e a decodificar a comunicação escrita. Então, pode-se compreender que o desenho é um coadjuvante que abre uma porta no coração das crianças, mais do que as palavras.

De acordo com Furnari (2020), a infância é muito marcante na vida da criança, pois é nesta fase que ela está formando todos os conceitos do que se deve fazer, agir e sentir. Desse modo, é preciso que os professores usem os livros de forma sábia, pois é justamente nesses espaços que vão discutir sobre a questão humana, interna, de dores e alegria.

Ao identificar as imagens ou as ações das personagens, as crianças aprendem não somente o que existe ou o que acontece ao seu redor, mas também os valores que são atribuídos a todas essas coisas: o que se considera correto ou malfeito, bonito ou feio, normal ou exótico, etc. Em todos os tempos a literatura cumpriu essa função socializadora simplesmente porque fala dos humanos, ou seja, porque nos permite ver com os olhos dos outros como as pessoas podem se sentir, como avaliam os fatos, como enfrentam os seus problemas ou ainda o que significa seguir ou transgredir as regras, em cada caso (BRASIL, 2016, p 98-99).

É através da leitura que a criança terá argumentos e respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. A leitura possibilita que o aluno faça a descoberta de um mundo mágico.

Os contos de fadas são grandes aliados no desenvolvimento da criança em sua totalidade, mas a real razão pelo seu sucesso é que o mesmo resulte justamente no fato da abordagem e a linguagem emocional em que a criança se encontra. O mais importante é o que os contos ensinam que há uma luta contra dificuldades graves da vida, mas que no fim de tudo o personagem passa a ter uma grande vitória. A criança tem como hábito se espelhar nas histórias que lhe são apresentadas, e os contos de fadas são um exemplo disso, onde elas observam que há o bem e o mal, o herói e o vilão, a vitória e a derrota, a criança observa isso como uma oportunidade de criar relações com esses sentimentos, pois a leitura tem o poder de conceder viagens, aventuras, temores, medos e receios, deixando a imaginação aberta para novos conhecimentos, desenvolvendo o intelectual e o emocional.

O educador precisa sempre se apropriar de métodos pedagógicos para explorar a leitura na escola, visando sempre oportunizar o desenvolvimento infantil, promovendo o potencial criativo e intelectual, através da construção de significados e conhecimentos que ajude a criança na sua interação social. A leitura precisa ser usada como ferramenta de ensino lúdico, proporcionando prazer e descobertas, aos poucos a leitura assume esse papel de despertar o interesse e o prazer, a criança passa a compreender a riqueza que os livros e suas histórias podem ter, construindo assim, uma relação de amor e carinho pela leitura.

Ao se envolver com a história, a criança passa a viver uma mistura de realidade e fantasia, sentindo as alegrias ou angústias, e assim magicamente dúvidas vão surgindo, pois esse é o intuito do ensino da leitura, a cada história e conhecimento adquirido, a criança passa a ter dúvidas e curiosidade por querer saber mais.

A educação deve resgatar o repertório que toda história infantil oferece para apresentar às crianças as diferenças entre as culturas e os indivíduos, para ensiná-las a lidar com as questões de forma ética e para ajudá-las a lidar com as emoções durante seu desenvolvimento.

Porém, o que se percebe atualmente no que diz respeito ao ensino da leitura dentro das

escolas, é que essa se destina a apropriação da consciência crítica e da noção do papel do cidadão. Quando na verdade o que precisa ser feito é uma busca e trabalho constante em relação ao incentivo da leitura em todas as etapas da educação, para que se formem leitores capazes de ler e compreender qualquer proposta textual. Entretanto, para que a leitura provoque este tipo de reação nos alunos, é preciso que o livro proporcione descobertas, e assim, de maneira que seus conteúdos estejam ligados a outros assuntos. Assim, a leitura deve ser trabalhada diariamente com as crianças, mas não importa como forma de ordem, pois desta maneira jamais será construído o prazer pela leitura, o professor deve respeitar o limite da criança, observando quais assuntos chamam mais a sua atenção, estimulando sua curiosidade.

O incentivo da leitura deve ser sempre contínuo desenvolvendo a construção intelectual, o interesse a leitura e torná-la como hábito que começa com a participação da família, visto que junto da escola, ambos constroem um cenário importante para o conhecimento de mundo. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que é estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura. Os professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá nas crianças um hábito que poderá acompanhá-las pela vida afora, pois quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, sabe o poder que tem uma história bem contada e os benefícios que ela pode proporcionar, não tendo tecnologia no mundo que substituirá o prazer que é tocar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo repleto de possibilidades.

2.5 A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

A questão de pessoas leitoras em nossa sociedade, ainda precisa avançar bastante, pois os resultados são insignificantes. Para melhorar esse índice, Bamberger (2002, p. 8) diz que é necessário que “todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros se quiserem contribuir para uma melhor situação”.

A prática da leitura, muitas vezes, começa na escola, onde a maioria dos alunos tem o primeiro contato com ela nesse ambiente, por isso, o espaço escolar tem a grande função de fazer com que os alunos adquiram a aquisição da leitura, como também motivar esse para a prática significativa. A escola pode estar oferecendo oportunamente projetos referentes à

leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 46) cita, por exemplo, “eventos de leitura numa feira cultura ou exposição de trabalhos, criar o prêmio de incentivo à leitura”, dar vida a biblioteca, fazendo dela um espaço aconchegante, confortável e de paz, tornando-se um ambiente privilegiado para formação do leitor. Deve acontecer principalmente nos anos iniciais, os quais estão estabelecendo o gosto pela leitura.

Para tornar os alunos bons leitores - para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997 p. 43).

Contudo, a leitura não deve ter apenas como propósito o prazer em ler e ser vista apenas como passa tempo, mas também algo que o aluno compreenda que ler é algo valioso e agradável, que a criança irá utilizar para tudo o que ela for fazer, ou seja, para o resto de sua vida.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL, 1997, p. 41-42).

A escola precisa dispor de uma biblioteca ou um espaço reservado à leitura que certamente irá beneficiar o alcance de resultados convincentes quanto aos objetivos desejados para o desenvolvimento das práticas leitoras. A biblioteca muitas vezes é considerada como um lugar apenas de armazenar livros, ou também para alunos considerados indisciplinados. Nesse sentido, a escola tem por obrigação proporcionar a seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura, ou seja, a disponibilidade de livros, sendo um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura. A respeito disso, Lajolo (1994, p. 67) retrata que os “órgãos governamentais cumprem a função de promover bibliotecas escolares bem equipadas [...]”.

Os livros colocam à disposição das crianças a experiência daquilo que podem esperar da literatura. Por isso, a escola deve lhes oferecer uma seleção a mais ampla possível de livros para que possam se familiarizar com as variadas possibilidades textuais (MEC, 2016, p. 100-101).

Dessa forma, com a biblioteca bem equipada e organizada e em parceria com os educadores preparados para conquistar os alunos no universo imenso de livros, a biblioteca será um espaço adequado para incentivar o prazer pela leitura, fazendo com que as crianças desenvolvam a habilidade de pensamento, oportunizando diversos pontos de vista e um misto de emoções de acordo com o livro que lê.

O assunto sobre a leitura na escola, muitas vezes é deixado de lado, por muitas vezes acharem essa concepção algo irrelevante ou também por desconhecerem a importância da leitura por falta de informação. Contudo, a escola tem a função de informar aos professores a importância da leitura, bem como, dispor ideias de como fazer isso, como também em capacitá-los através da formação continuada enfatizando que há a necessidade de selecionar bem os livros, que sejam apropriados para turma, para assim formarem leitores críticos e opinativos. “A literatura é fundamental na vida do ser humano e, por isso, o objetivo de uma escola que se queira “revolucionária” é formar leitores de “boa” leitura” (MAGNANI, 2001, p 1).

A escola tem que ter entendimento, que as crianças não devem ler apenas para aprender a ler, mas sim para terem uma compreensão de mundo, visto que por conta desta concepção equivocada por parte de muitos, a escola vem acarretando uma grande proporção de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com imensa dificuldade para compreender o que tentam ler.

A leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na maioria das vezes, retrata textos repetitivos e monótonos, acompanhado de exercícios, fazendo com que a compreensão sobre si e sobre o mundo não faça sentido. Compreende-se então, que a leitura precisa buscar significados e não ser um ato mecânico e cansativo, uma vez que, “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode e nem costuma encerrar-se nela [...]” (LAJOLO, 1994, p. 1).

Neste sentido, percebe que a leitura é algo que a criança vai levar para o resto de sua vida. Sendo assim, compreende-se que na escola o professor deve saber fazer a mediação correta entre o livro e o aluno, criando situações em que esse goste do que está lendo, seja capaz de compreender o que lê e consiga fazer uma leitura crítica, podendo concordar ou discordar a partir daquilo que se lê.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida com um olhar voltado para a importância do desenvolvimento da leitura dentro das escolas no Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na qual se constatou o quanto as práticas pedagógicas são fundamentais na formação de leitores, fazendo com que os alunos sintam-se num ambiente confortável, despertando novas emoções e curiosidades, estimulando a descoberta de hábitos culturais, tendo o poder de ampliar e enriquecer o vocabulário, bem como aguçar o prazer e o gosto pela leitura.

A leitura precisa conceder no decorrer do processo de ensino-aprendizagem da criança o incentivo do ato de ler, principalmente nos anos iniciais escolares, formando leitores que cresçam dentro da sociedade um ser socialmente crítico e reflexivo e que queiram sempre ir além. A leitura deve criar laços com a família, assim a criança se apropriará de seus objetivos com maior facilidade, pois o exercício da leitura estabelece um elo de amor entre o leitor e o livro, entre a vida dos personagens e a magia que os leitores podem recriar junto com suas histórias, iniciando assim a imitação e o ato de imaginação, que irá apresentar as crianças, cenários impossíveis dentro do mundo real.

A formação desse leitor crítico, não é uma tarefa fácil para os educadores, contudo durante o estudo, foi possível perceber o quão imprescindível ela é, pois é de sua responsabilidade propiciar aos alunos momentos de leituras favoráveis, sem obrigar o aluno a ler, fazendo desses espaços, momentos prazerosos de aprendizagem, uma vez que só assim será possível formar leitores para toda a vida.

Sendo assim, pode-se inferir que a leitura permite e oportuniza através dos livros o desenvolvimento intelectual, pois ela é uma caixinha de surpresas onde garante um conjunto de informações. O ato e a apropriação da leitura deve iniciar desde cedo em casa, ou seja, dentro do seio familiar, possibilitando assim a inter-relação professor-escola-família, facilitando o processo de aperfeiçoamento da leitura e contribuindo com total ênfase no decorrer da aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 7. ed. São Paulo: Atica, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Crianças como leitoras e autoras**. Caderno 5. Coleção Leitura e escrita na educação infantil. 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

_____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23.ed. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989.

HÉBRARD, J. **Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural**. Edit. ABREU, M, *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Atiea, 1994.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola - Sobre a formação do gosto**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PODCAST 10: **Conversa com grandes autores para a infância**. Entrevistadores: Debóra Freitas e Ilan Brenman. Entrevistada: Eva Furnari. [S.l.]: CBN, 13 fev. 2020. Podcast. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/735/educa-21-os-desafios-de-educar-criancas-e-jovens-n>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na Biblioteca**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Editora Global, 1987.

_____. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2005.